

FACULDADE DE TECNOLOGIA DA ZONA LESTE – FATEC-ZL

Curso de Comércio Exterior

Todos por Elas

Davi Ramalho
Edvaldo Muniz Marques Junior
Gabriele Borges
Matheus Jorge dos Reis
Rodrigo Antunes de Moraes
Vitor Jesus
Rosângela Maura Correia Bonici¹

1. INTRODUÇÃO

Maria da Penha teve seus olhos pintados em tom lilás pelas mãos de seu agressor e companheiro de vida; cores e tons que nem mesmo Djavan imaginou quando escreveu sobre a cor púrpura. Infelizmente mesmo com a lei que carrega o nome de nossa heroína, sem duvida alguma, a violência contra o gênero feminino permanece muito atual para um alto índice de mulheres.

Tendo em vista números alarmantes de agressões das mais variadas espécies, este trabalho tem como objetivo a relação de respeito com a mulher, tendo como instrumento de pesquisa indagações que se apliquem não só as mulheres, mas que abranja também o sexo masculino; onde estão os potenciais agressores.

2. PESQUISA

Violência pode ser considerada um conjunto de ações que implicam em danos morais, psicológicos, financeiros, e físicos a alguém. Sendo assim, se ponderarmos

¹ Professora orientadora do projeto

estes elementos como violência, talvez, muito provavelmente, poucas seriam as mulheres que não se deparariam com esta mazela social ao decorrer de suas vidas.

É de conhecimento geral, que o fator resultante que faz com que a violência se dissemine, é a relação do agressor com a vítima, que por muitas vezes, possuem algum grau de intimidade, tal como amigos e familiares, o que dificulta a pesquisa e a denúncia por receio de humilhação, vergonha e retaliação. Além disso, alguns tipos de violação são subjetivos, dificultando o discernimento de quem foi atacado.

De acordo com algumas considerações feitas por (Schraiber, et al., 2007) autora do artigo *Prevalência da Violência contra a mulher por parceiro em Regiões do Brasil*, grande parte dos estudos tem como objeto de pesquisa somente as agressões físicas, que são mensuradas por se tratar de atos concretos como socos e mutilações.

As violências sexuais e psicológicas cometidas por parceiro íntimo têm sido pouco investigadas e as informações são ainda mais imprecisas. Vários fatores contribuem para que a violência sexual dentro de relações de parcerias estáveis seja de difícil reconhecimento e delimitação. Por exemplo, as diversas denominações dos atos de agressão (violência, estupro, abuso e, por vezes, assédio), associado ao fato de prática sexual não consensual ser considerada em muitas culturas como dever da esposa. (Schraiber, et al., 2007)

Do ponto de vista histórico cultural, países como a Índia, são mais suscetíveis a esta realidade de submissão, mas estes irão ser tratados em tópicos futuros, o que não quer dizer, que a atual conjuntura vívida em solo tupiniquim tenha índices de violência mais animadores. Ainda de acordo com (Schraiber, et al., 2007):

No Brasil, estudo de base populacional mediu a ocorrência de violência contra as mulheres, realizado com amostra representativa nacional de 2.502 mulheres de 15 anos ou mais. Nessa investigação 43% das brasileiras declararam ter sofrido violência praticada por um homem na vida; um terço admitiu ter sofrido alguma forma de violência física, 13% sexual e 27% psicológica. Maridos, ex-maridos, namorados e ex-namorados foram os principais agressores, variando de 88% dos autores de tapas e empurrões a 79% dos perpetradores de relações sexuais forçadas. (Schraiber, et al., 2007)

Levando em consideração o trabalho de (Waiselfisz, 2015), o Brasil encontra-se atualmente na 5^o posição do ranking de homicídios de mulheres que considera os dados da OMS (Organização Mundial da Saúde) de 83 países, com 4,8 homicídios por 100 mil mulheres. Ficando atrás somente de El Salvador que possuiu assustadoras 8,9 mortes; Colômbia com 6,3 mortes; Guatemala, com 6,2 assassinatos; e Federação Russa, com 5,3 homicídios por 100 mil mulheres. O autor ainda considera que:

[...] as taxas do Brasil são muito superiores às de vários países tidos como civilizados: 48 vezes mais homicídios femininos que o Reino Unido; 24 vezes mais homicídios femininos que Irlanda ou Dinamarca; 16 vezes mais homicídios femininos que Japão ou Escócia. (Waiselfisz, 2015)

Em entrevista para o programa “*A Liga*”, a Pós-doutorado em sociologia pela USP (Universidade do Estado de São Paulo) Wânia Pasinato, defende a tese de que, sendo o Brasil um país machista, que um dia teve uma vasta maioria de sua sociedade com características patriarcais, nós estaríamos imersos em uma cultura que dá ao homem direito total sobre o gênero feminino.

De acordo com (Pasinato, *Violência Doméstica*, 2012), dentro desta cultura se criou esta ideia de que, a honra de um homem está depositada no comportamento de sua companheira, e que isso lhe dá, automaticamente, o direito de puni-la por qualquer conduta que ele considerar indevida. Este ato de tirania pode ser correlacionado com os catalizadores de violência.

Os catalizadores de violência são motivos que os parceiros geralmente trajam como pretexto para violar suas vitimas, tais como:

- Ciúmes
- Alcoolismo
- Problemas Financeiros
- Drogas
- Outros

Segundo (Pasinato, *Violência Doméstica*, 2012), tanto o álcool quanto as drogas não servem como desculpa para redimir uma agressão, pois ambos agem apenas como desinibidores para o comportamento. Em todo caso, a crença de que a

punição foi ou é agravada por uma determinada problemática, fez com que a justiça brasileira fechasse os olhos e permanecesse inerte a sérios casos de brutalidade, como o vivido por Maria da Penha.

Maria sofreu torturas das mais diferentes espécies, nas quais duas delas foram consideradas tentativas de homicídio. Por coincidência ou ironia do destino tornou-se uma espécie de justiça, estática sem conseguir se mexer por completo, mas jamais com seus olhos obstruídos pela violência. Felizmente, com o intuito de cessar os casos de violência como o ocorrido a ela, no dia 7 de agosto de 2006, foi sancionada a lei de nº 11.340 que carrega o nome de Maria.

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (Presidência da República da Casa Civil, 2006)

De acordo com o artigo 7º da lei nº 11.340, é definido como violência:

I - A violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

Tabela 2 - Número e estrutura (%) de atendimentos por violências no SUS, segundo etapa do ciclo de vida, sexo e reincidência da agressão. Brasil. 2014.

Reincid. Fem.	Número						%					
	Criança	Adolec.	Jovem	Adulto	Idoso	Total	Criança	Adolec.	Jovem	Adulta	Idosa	Total
Sim	6.001	7.840	14.423	21.289	2.892	52.445	46,2	42,9	46,3	54,1	60,4	49,2
Não	6.988	10.430	16.705	18.039	1.896	54.058	53,8	57,1	53,7	45,9	39,6	50,8
Total	12.989	18.270	31.128	39.328	4.788	106.503	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Reincid. Masc	Criança	Adolec.	Jovem	Adulto	Idoso	Total	Criança	Adolec.	Jovem	Adulto	Idoso	Total
Sim	4.217	2.295	2.684	3.927	1.522	14.645	40,1	27,8	23,3	28,1	40,6	30,5
Não	6.309	5.975	8.833	10.061	2.228	33.406	59,9	72,2	76,7	71,9	59,4	69,5
Total	10.526	8.270	11.517	13.988	3.750	48.051	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Sendo um dos pontos mais importantes em nossa fundamentação teórica, resolvemos poupa-lo para até o presente momento, falaremos então sobre o estupro, e de como ele é tratado pela sociedade contemporânea.

Primeiramente, é de conhecimento geral, o discurso proferido por grupos feministas de que *"Todo homem é um esturador em potencial"*, da mesma forma, o patriarcado contesta estas afirmações declarando que o esturador é alguém que não está em suas plenas capacidades mental. Levando em consideração essas duas correntes, é impossível ignorar casos de estupro coletivo, em que a vitima foi abusada por 4, 13, 20, ou 33 pessoas. Desprezar estas considerações e acreditar na falácia de que 33 pessoas estavam foram de si, e por isso cometeram tamanha atrocidade, é muito mais cômodo do que acreditar que a cultura do estupro realmente existe e precisa ser tratada.

Estupros coletivos são um atestado de que a cultura do estupro é um problema de ordem social. Em outras palavras, não tem nada de biológico nisso: o esturador é construído socialmente, no dia a dia. (Gonzaga, 2016)

Ainda sobre o caso dos 33, evento que causou grande comoção nacional, devemos levar em conta o processo (que ainda está na justiça), onde nitidamente o delegado responsável pela investigação teve de ser afastado do caso por suspeitas de estar culpabilizando a vítima pela agressão cometida a ela. Infelizmente, acontecimentos recorrentes desta espécie são muito mais comuns do que imaginamos, sendo um problema em diversos países espalhados pelo mundo. Prova disso é a excelente campanha feita por atrizes de Bollywood, *"It's Your Fault"*, onde são satirizadas as diferentes causas e consequências do estupro até mesmo a humilhação e a culpabilização que a vítima sofre ao relatar sua agressão aos policiais.

E por falar em culpa, uma pesquisa relatada pelo jornal Datafolha no dia 21 de setembro de 2016 (Mena, 2016), indicou que um a cada três brasileiros, concordam com a frase: *“Mulheres que usam roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada”* e o mais assustador é que cerca de 30% das mulheres concordam com esta afirmação.

Em entrevista (Pasinato, 2016) afirma que a capacitação de profissionais para o melhor atendimento é imprescindível para enfrentar a violência de gêneros. E vai além, afirmando que falta protocolos de atendimentos pelas instituições policiais, algo capaz de mudar a rotina deste tipo de atendimento. Um excelente exemplo disso são as cargas horárias da Delegacia da Mulher, órgão que deveria dar assistência a qualquer hora do dia e da noite, mas que fecha aos finais de semana, e as reclamações só podem ser registradas pela segunda de manhã. Tempo bastante para que muitos dos agressores fujam, e que um grande contingente de mulheres não resista até a data.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

O tema foi escolhido com base na repercussão social causada por uma série de acontecimentos com relação à violência de gêneros. Além de pesquisas com índices elevados de abusos, e inspirações advindas de campanhas, este trabalho procura tratar a violência contra a mulher embasando-a sobre o gênero masculino.

4. OBJETIVOS

- Evidenciar hábitos e pensamentos que resultam na violência contra a mulher cotidiana;
- Levantar dados a violência sofrida entre os dois gêneros para que posteriormente possamos compara-los;

5. POPULAÇÃO

Toda e qualquer pessoa indiferente de seu sexo, para que ela indique se já presenciou ou não, ou se até mesmo protagonizou algum ato de violência.

6. AMOSTRA

A ferramenta entrevistou 210 pessoas e para realizar a pesquisa nós utilizamos a técnica estratificada, tendo em vista que o nosso objetivo é comparar as

respostas do sexo Masculino e Feminino posteriormente. Sendo assim, segue abaixo uma lista de gráficos com os dados referentes as respostas obtidas no estudo.

7. GRÁFICOS

Você é:

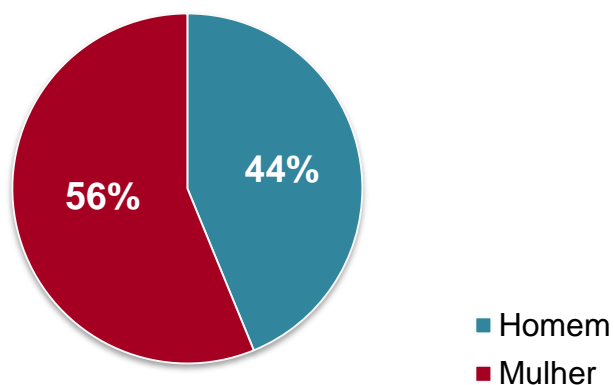


Tabela 1,1 - Você é?

Variável	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Homem	92	0,438	43,80%
Mulher	118	0,562	56,2%
Total	210	1	100%

Nota-se que a amostra esta equilibrada entre homens e mulheres para a coleta dos dados, com uma pequena superioridade das mulheres, porém que não resulta em qualquer anormalidade para a pesquisa.

Já sofreu algum tipo de violência de alguém do gênero oposto ao seu?

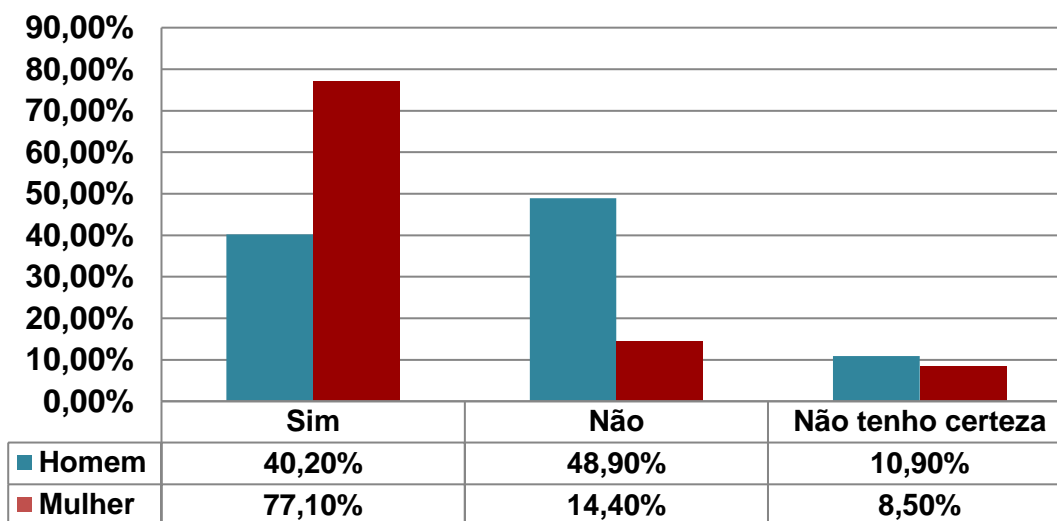


Tabela 1.2 - Já sofreu algum tipo de violência de alguém do gênero oposto ao seu?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	37	0,402	40,2%	91	0,771	77,1%
Não	45	0,489	48,9%	17	0,144	14,4%
Não tenho certeza	10	0,109	10,9%	10	0,085	8,5%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Se sim, de qual espécie?

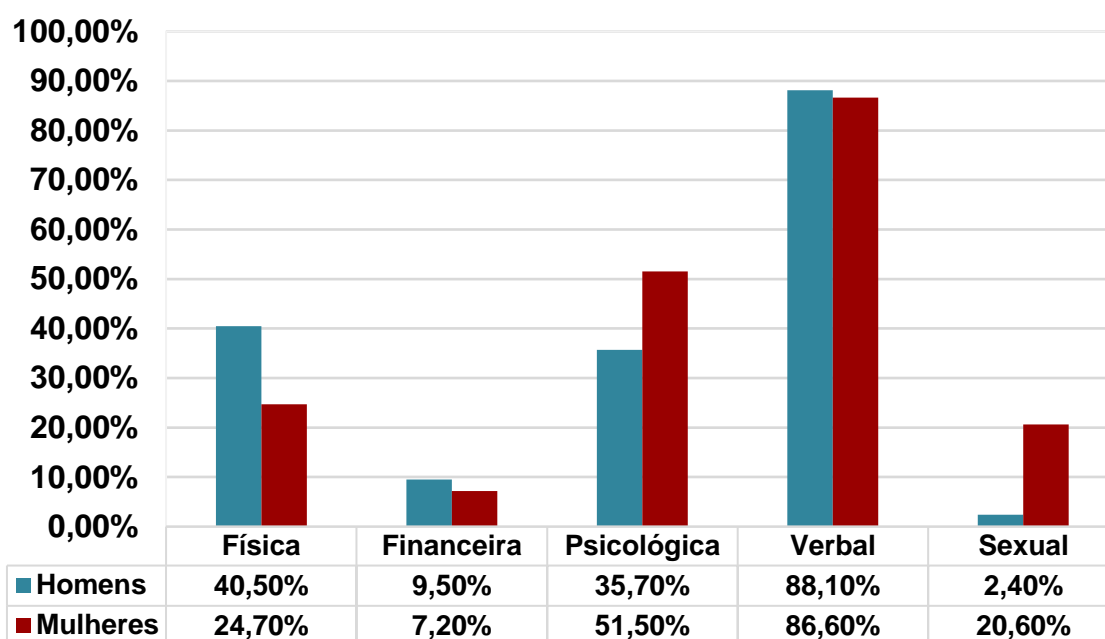
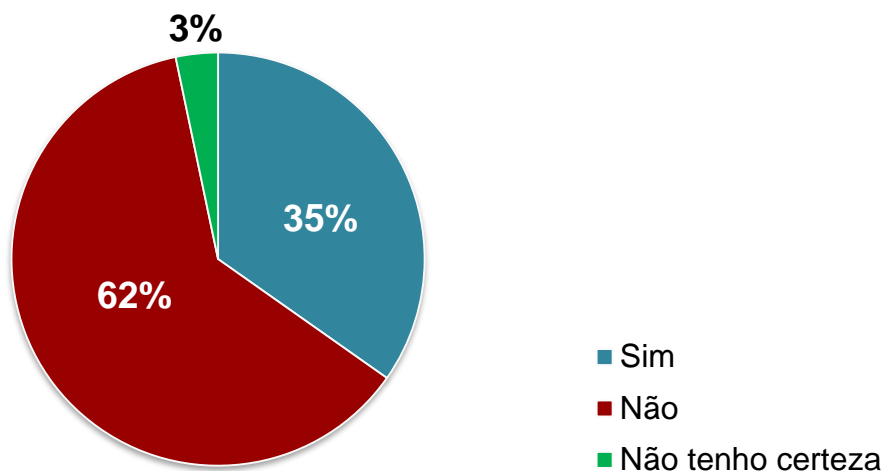


Tabela 1.3 - Se sim, de qual espécie?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Física	17	0,405	40,5%	24	0,247	24,7%
Financeira	4	0,095	9,5%	7	0,072	7,2%
Psicológica	15	0,357	35,7%	50	0,515	51,5%
Verbal	37	0,881	88,1%	84	0,866	86,6%
Sexual	1	0,024	2,4%	20	0,206	20,6%
Total	42 Homens			97 Mulheres		

É perceptível que a violência verbal é a mais comum em ambos os gêneros, porém, vale ressaltar que a violência sexual está quase 9 vezes vitimando mais mulheres do que homens. A violência financeira é a menos comum em ambos os gêneros.

Você já sofreu algum tipo de violência entre familiares? (Homens)



Você já sofreu algum tipo de violência entre familiares? (Mulheres)

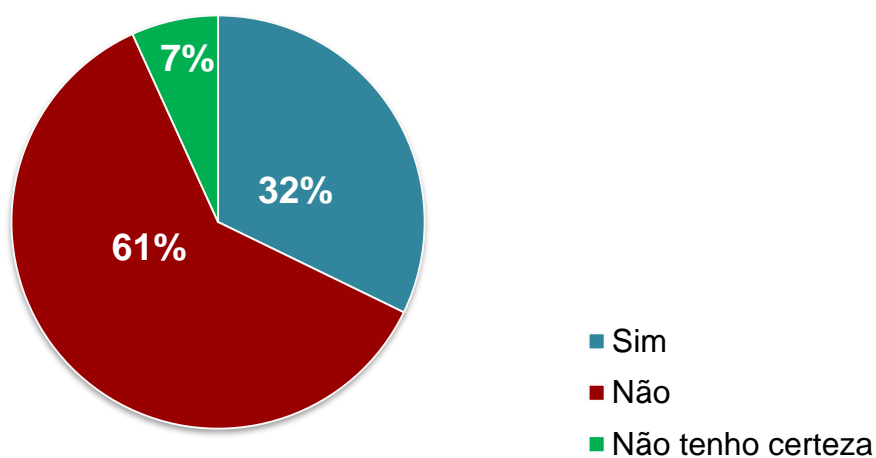


Tabela 1.4 - Você já sofreu algum tipo de violência entre familiares?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	32	0,348	34,8%	38	0,322	32,2%
Não	57	0,62	62,0%	72	0,61	61,0%
Não tenho certeza	3	0,033	3,3%	8	0,068	6,8%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

A questão de violência entre familiares apresentou números muito semelhantes em ambos os gêneros, mesmo que em muitos casos, a violência contra a mulher seja feita pelo marido ou próprio pai da vítima, caracterizando um fato que (Schraiber, et al., 2007) afirma anteriormente; “Em grande parte a violência se manifesta por meio de um conhecido”.

Se sim, de qual espécie?

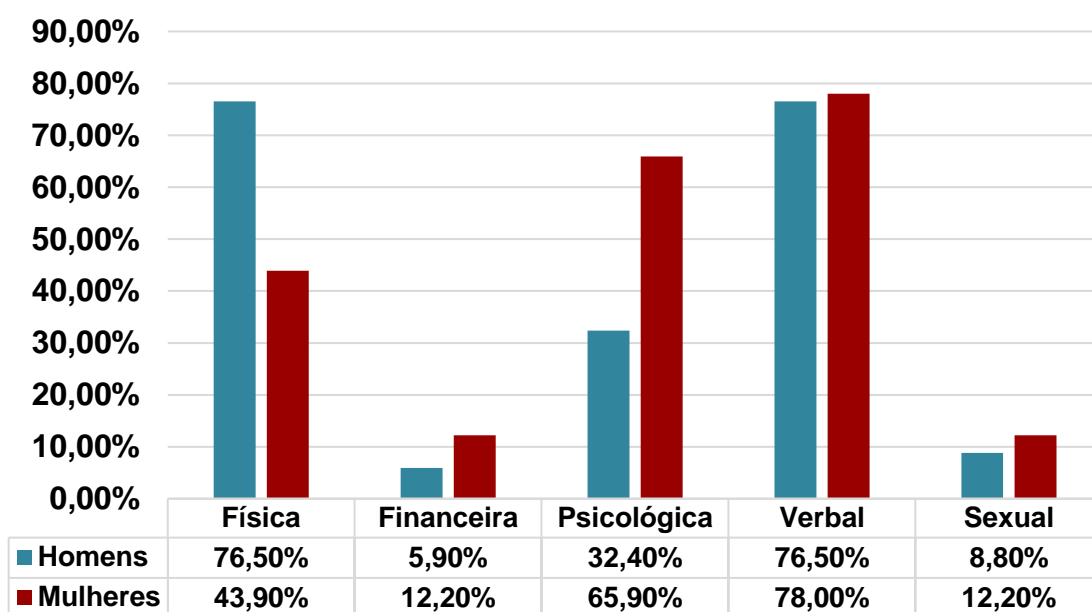
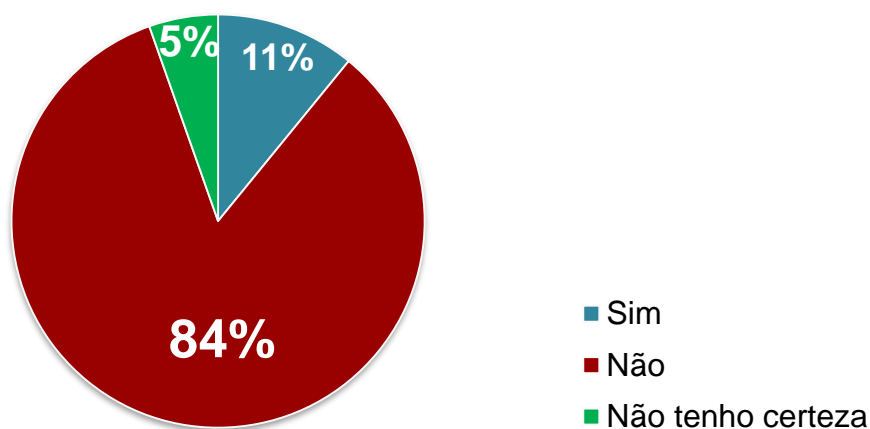


Tabela 1.5 - Se sim, de qual espécie?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Física	26	0,765	76,5%	18	0,439	43,9%
Financeira	2	0,059	5,9%	5	0,122	12,2%
Psicológica	11	0,324	32,4%	27	0,659	65,9%
Verbal	26	0,765	76,5%	32	0,78	78,0%
Sexual	3	0,088	8,8%	5	0,122	12,2%
Total	34 Homens			41 Mulheres		

Neste caso, podemos perceber que a violência verbal segue como mais frequente em ambos os sexos, enquanto o gênero masculino relata sofrer também a violência física, nas mulheres o fator psicológico foi mais ressaltado.

Você já sofreu algum tipo de violência no transporte público? (Homens)



Você já sofreu algum tipo de violência no transporte público? (Mulheres)

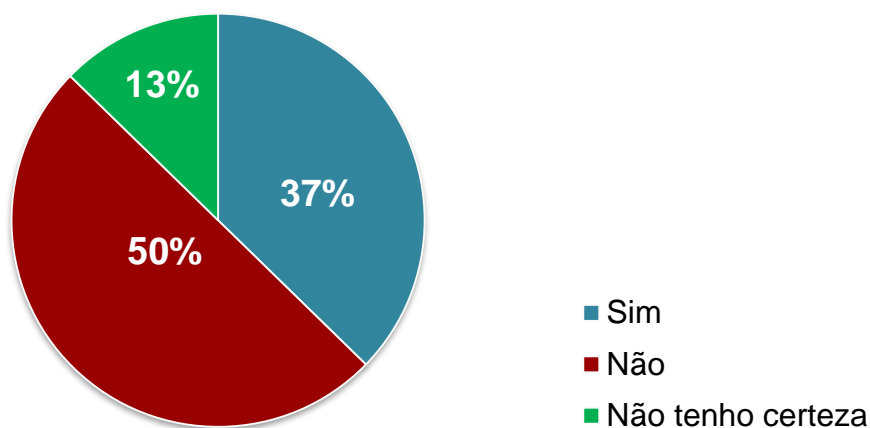


Tabela 1.6 - Você já sofreu algum tipo de violência no transporte público?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	10	0,109	10,9%	44	0,373	37,3%
Não	77	0,837	83,7%	59	0,5	50,0%
Não tenho certeza	5	0,054	5,4%	15	0,127	12,7%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Quanto a violência no transporte público, quase 4 vezes mais mulheres foram vítimas desse tipo de violência com relação aos homens que apenas cerca de 10% teriam sofrido com essa prática.

Se sim, de qual espécie?

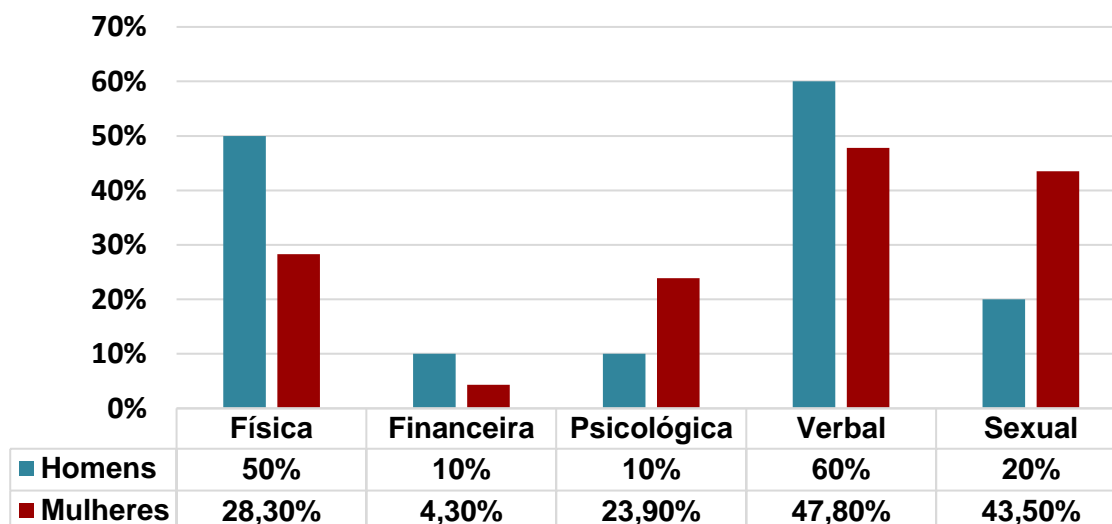
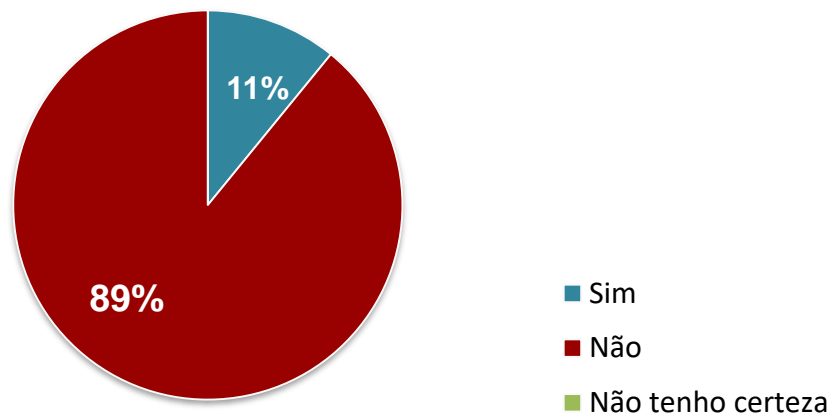


Tabela 1.7 - Se sim, de qual espécie?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Física	5	0,5	50%	13	0,283	28,3%
Financeira	1	0,1	10%	2	0,043	4,3%
Psicológica	1	0,1	10%	11	0,239	23,9%
Verbal	6	0,6	60%	22	0,478	47,8%
Sexual	2	0,2	20%	20	0,435	43,5%
Total	10 Homens			46 Mulheres		

Nota-se que a violência verbal é frequente para ambos os gêneros, porém a sexual aparece com uma proporção duas vezes maior com as mulheres do que com os homens, que sofrem mais agressões de caráter físico, mas que, diferentemente das mulheres, não é ocasionada em sua grande maioria por pessoas próximas a ele.

**Você já sofreu algum tipo de violência com relação ao seu gênero no trabalho?
(Homens)**



**Você já sofreu algum tipo de violência com relação ao seu gênero no trabalho?
(Mulheres)**

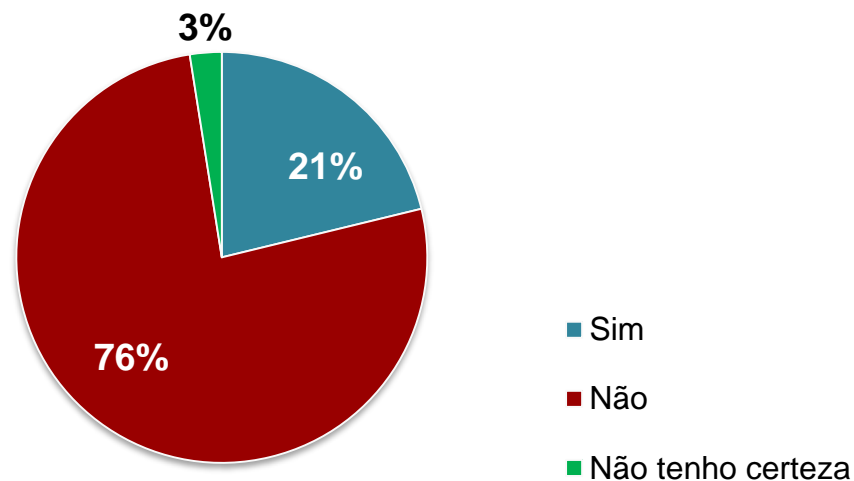


Tabela 1.8 - Você já sofreu algum tipo de violência com relação ao seu gênero no trabalho?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	10	0,109	10,9%	25	0,212	21,2%
Não	82	0,891	89,1%	90	0,763	76,3%
Não tenho certeza	0	0	0,0%	3	0,025	2,5%

Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%
--------------	----	---	--------	-----	---	--------

A violência no trabalho apresentou números que mostram como duas vezes mais frequentes entre as mulheres do que entre os homens, que só relataram essa espécie de violência em 10% dos entrevistados aproximadamente.

Se sim, de qual espécie?

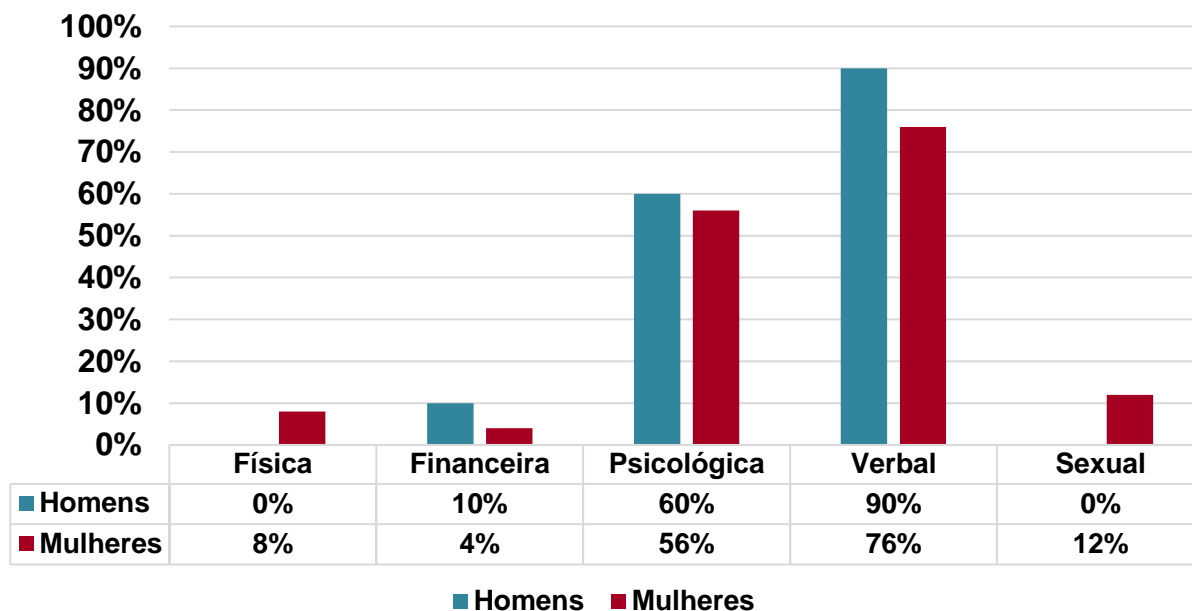
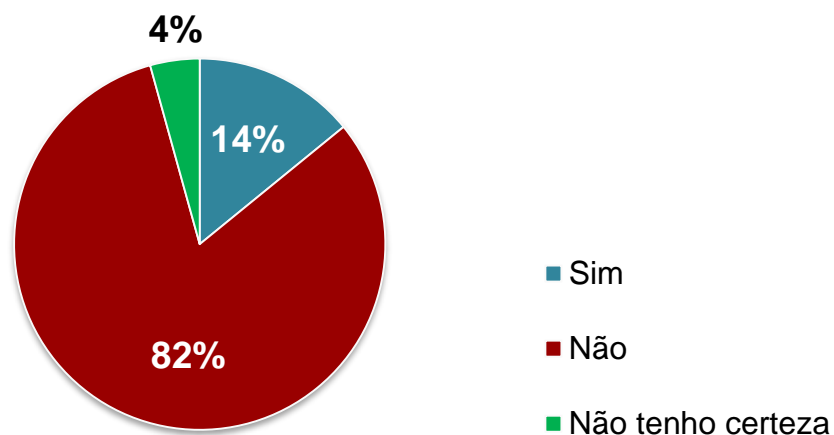


Tabela 1.9 - Se sim, de qual espécie?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Física	0	0	0%	2	0,08	8%
Financeira	1	0,1	10%	1	0,04	4%
Psicológica	6	0,6	60%	14	0,56	56%
Verbal	9	0,9	90%	19	0,76	76%
Sexual	0	0	0%	3	0,12	12%
Total	10 Homens			25 Mulheres		

A violência verbal segue como a mais frequente entre os gêneros, porém, em caráter sexual, onde não havia apresentado ocorrência no gênero masculino, teve números consideráveis entre as entrevistadas com 12% de frequência.

Já sofreu algum tipo de assédio por causa da roupa que usava? (Homens)



Já sofreu algum tipo de assédio por causa da roupa que usava? (Mulheres)

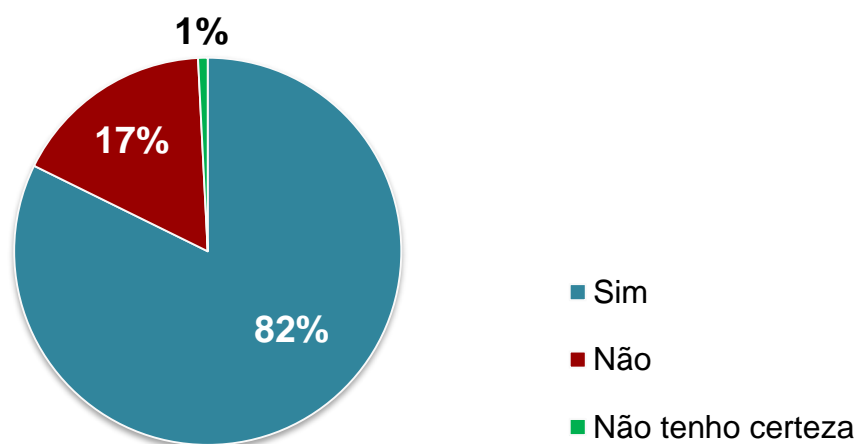
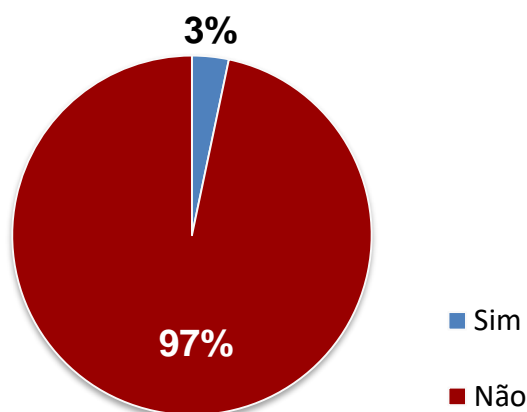


Tabela 1.10 - Já sofreu algum tipo de assédio por causa da roupa que usava?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	13	0,141	14,1%	97	0,822	82,2%
Não	75	0,815	81,5%	20	0,169	16,9%
Não tenho certeza	4	0,043	4,3%	1	0,008	0,8%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

O assédio por conta da roupa se mostrou muito mais frequente entre as mulheres que apresentaram mais de 80% na pesquisa, contra apenas 14% dos homens aproximadamente.

**Evita usar peças de roupa como shorts, regatas e outros, que deixam mais partes do corpo a mostra, por conta de sentir medo?
(Homens)**



**Evita usar peças de roupa como shorts, regatas e outros, que deixam mais partes do corpo a mostra, por conta de sentir medo?
(Mulheres)**

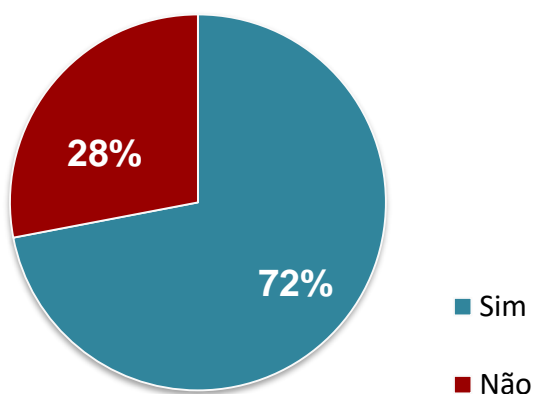
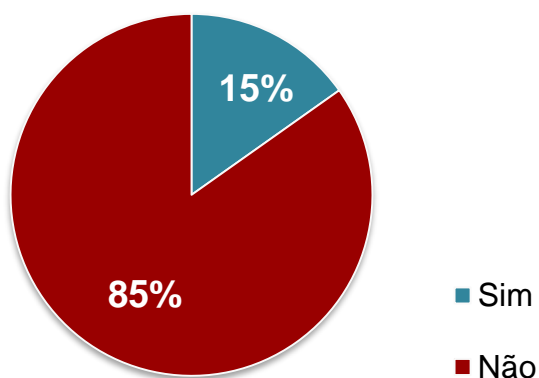


Tabela 1.11 - Evita usar peças de roupa como shorts, regatas e outros, que deixam mais partes do corpo a mostra, por conta de sentir medo?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	3	0,033	3,3%	85	0,72	72%
Não	89	0,967	96,7%	33	0,28	28%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

O ato de evitar o uso de peças de roupas que deixam o corpo a mostra é também muito mais frequente entre as mulheres que apresentaram 72% na afirmação da premissa, contra apenas 3,3% dos homens.

**Já ouviu algo como: “essa roupa esta muito curta...” ou “vai malhar com esse short...”?
(Homens)**



**Já ouviu algo como: “essa roupa esta muito curta...” ou “vai malhar com esse short...”?
(Mulheres)**

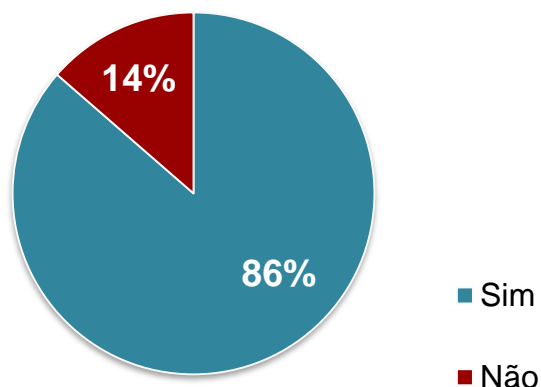
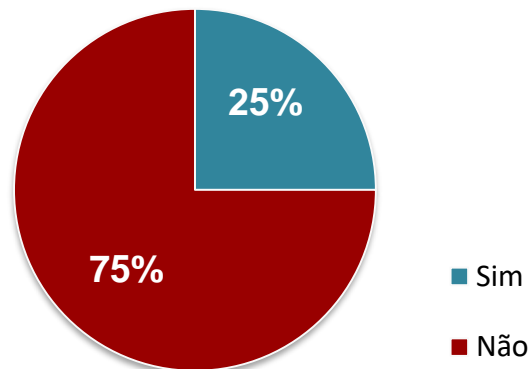


Tabela 1.12 - Já ouviu algo como: “essa roupa esta muito curta...” ou “vai malhar com esse short...”?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	14	0,152	15,2%	102	0,864	86,4%
Não	78	0,848	84,8%	16	0,136	13,6%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

O relato de ter ouvido frases de repudio as roupas usadas como muito curtas ou que valorizam demasiadamente o corpo também foi mais frequente entre as mulheres que apresentaram aproximados 86% na afirmação da premissa, contra 15,2% dos homens entrevistados.

**Já ouviu algo como: “esse(a) ai tá pedindo...”
de pessoas de gênero igual ou oposto?
(Homem)**



**Já ouviu algo como: “esse(a) ai tá pedindo...”
de pessoas de gênero igual ou oposto?
(Mulheres)**

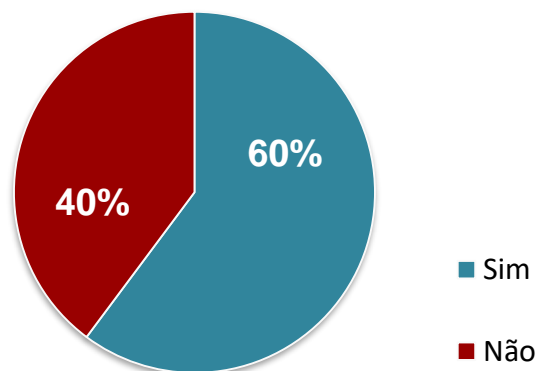
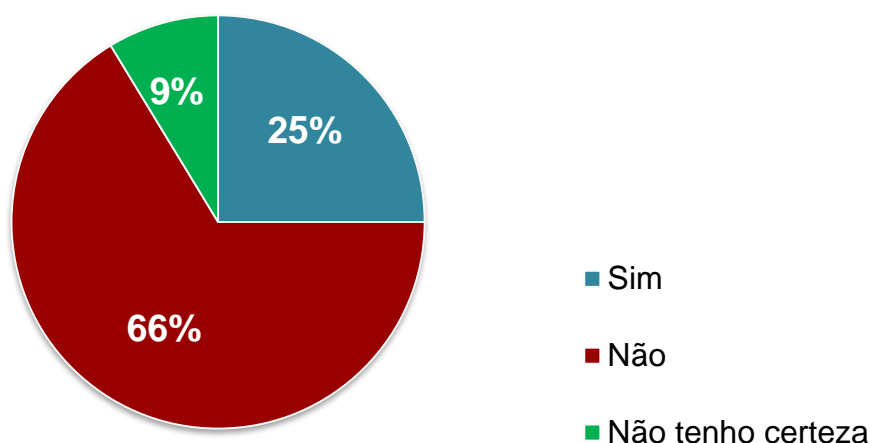


Tabela 1.13 - Já ouviu algo como: “esse(a) ai tá pedindo...” de pessoas de gênero igual ou oposto?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	23	0,25	25%	71	0,602	60,2%
Não	69	0,75	75%	47	0,398	39,8%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Sobre ouvir frases que julgam pessoas pela roupa como se tivesse vínculo com o desejo ou com o caráter foi mais frequente entre as mulheres, com menos de 40% de negação da premissa, contra 75% dos homens que preencheram o questionário.

Você já sofreu algum tipo de violência na rua? (Homens)



Você já sofreu algum tipo de violência na rua? (Mulheres)

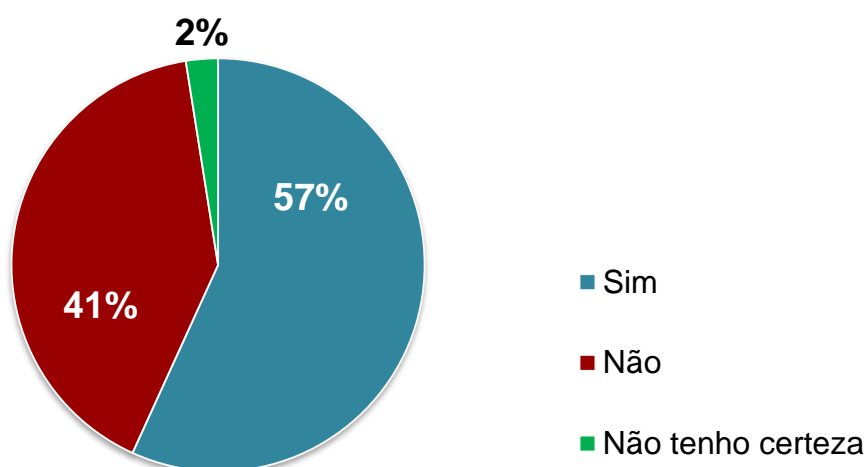


Tabela 1.14 - Você já sofreu algum tipo de violência na rua?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	23	0,25	25,0%	61	0,568	56,8%
Não	61	0,663	66,3%	48	0,407	40,7%

Não tenho certeza	8	0,087	8,7%	3	0,025	2,5%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

A violência na rua foi duas vezes mais relatada entre as mulheres, uma vez que entre os homens o número apresentado foi de 25% apenas.

Se sim, de qual espécie?

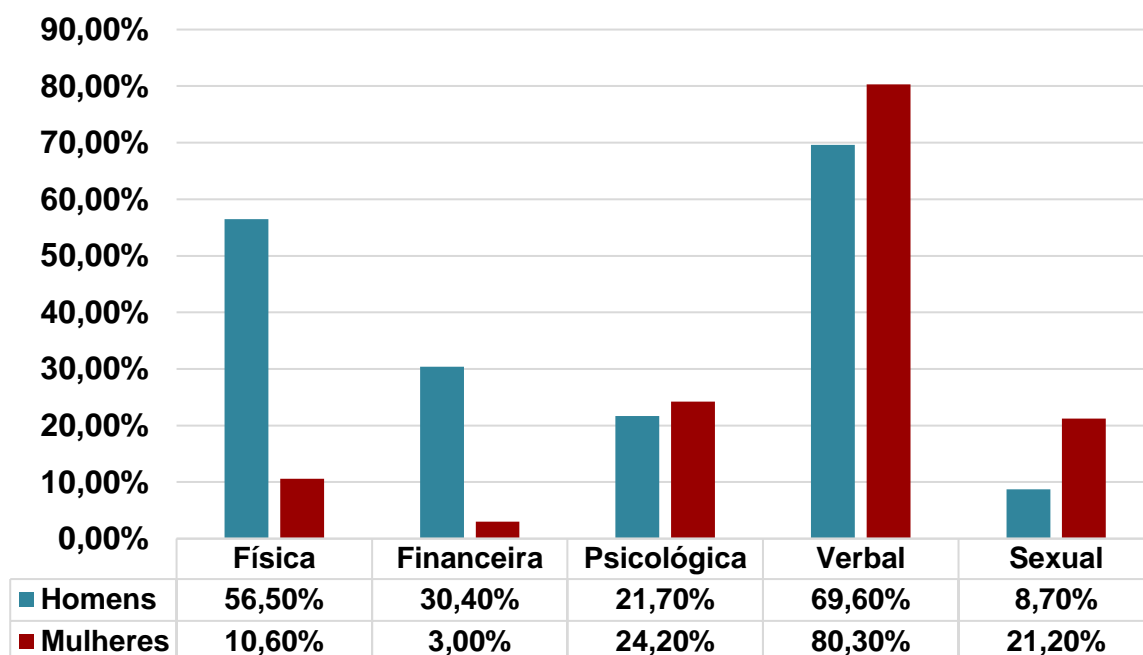
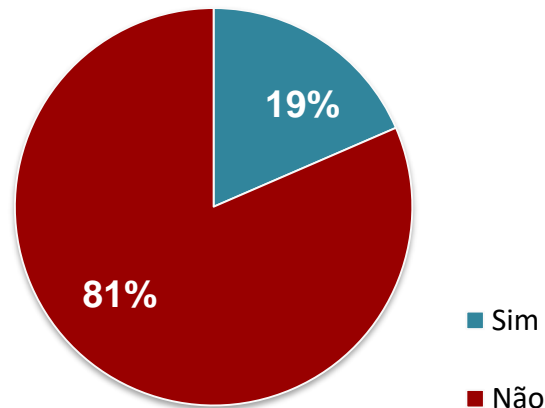


Tabela 1.15 - Se sim, de qual espécie?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Física	13	0,565	56,5%	7	0,106	10,6%
Financeira	7	0,304	30,4%	2	0,03	3,0%
Psicológica	5	0,217	21,7%	16	0,242	24,2%
Verbal	16	0,696	69,6%	53	0,803	80,3%
Sexual	2	0,087	8,7%	14	0,212	21,2%
Total	23 Homens			66 Mulheres		

A violência na rua apareceu mais frequente em caráter verbal, uma vez que a sexual foi duas vezes mais citada entre as mulheres com relação ao gênero masculino.

Já teve que atravessar a rua por ver um grupo de pessoas do gênero oposto na calçada em que estava, porque elas poderiam significar uma ameaça a sua integridade física e/ou moral? (Homens)



Já teve que atravessar a rua por ver um grupo de pessoas do gênero oposto na calçada em que estava, porque elas poderiam significar uma ameaça a sua integridade física e/ou moral? (Mulheres)

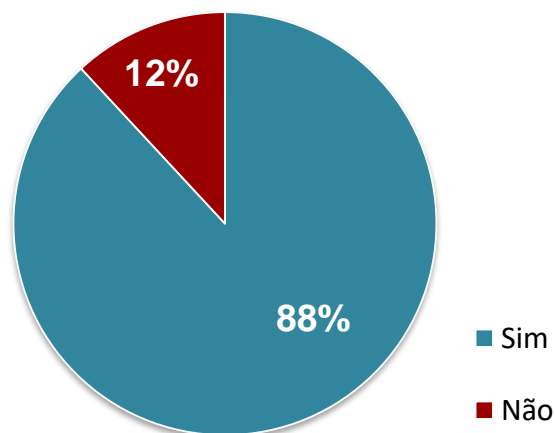
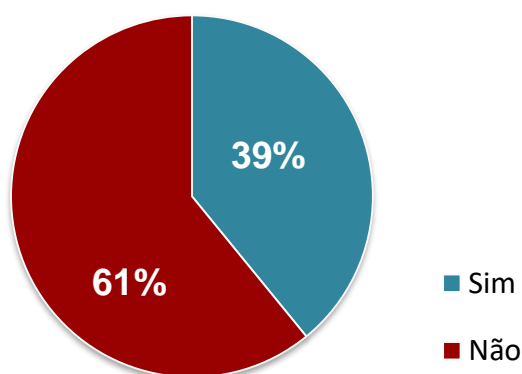


Tabela 1.16 - Já teve que atravessar a rua por ver um grupo de pessoas do gênero oposto na calçada em que estava, porque elas poderiam significar uma ameaça a sua integridade física e/ou moral?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	17	0,185	18,5%	104	0,881	88,1%
Não	75	0,815	81,5%	14	0,119	11,9%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Sobre se sentir em perigo por um grupo de pessoas do sexo oposto na rua, o número de relatos foi mais de quatro vezes mais presentes entre as mulheres do que com relação aos homens, que anotaram menos de 20% de ocorrência entre os entrevistados.

**Você se sente seguro (a) andando sozinho
(a) na rua, mesmo quando não porta
nenhum objeto de valor? (Homens)**



Você se sente seguro (a) andando sozinho (a) na rua, mesmo quando não porta nenhum objeto de valor? (Mulheres)

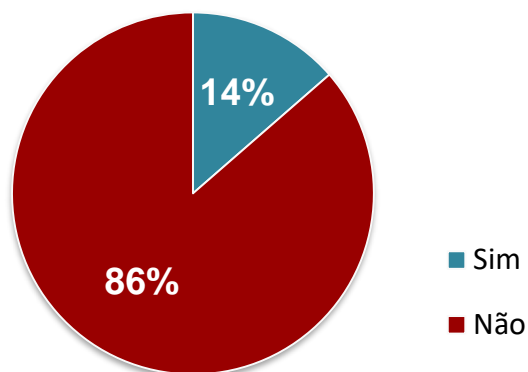


Tabela 1.17 - Você se sente seguro (a) andando sozinho (a) na rua, mesmo quando não porta nenhum objeto de valor?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	36	0,391	39,1%	16	0,136	13,6%
Não	56	0,609	60,9%	102	0,864	86,4%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Sobre a segurança na rua, quase 40% dos homens afirmaram se sentir seguros, contra apenas 13,6% das mulheres entrevistadas.

Já presenciou alguma espécie de violência (tal como física, moral, financeira e outras) com o gênero oposto?

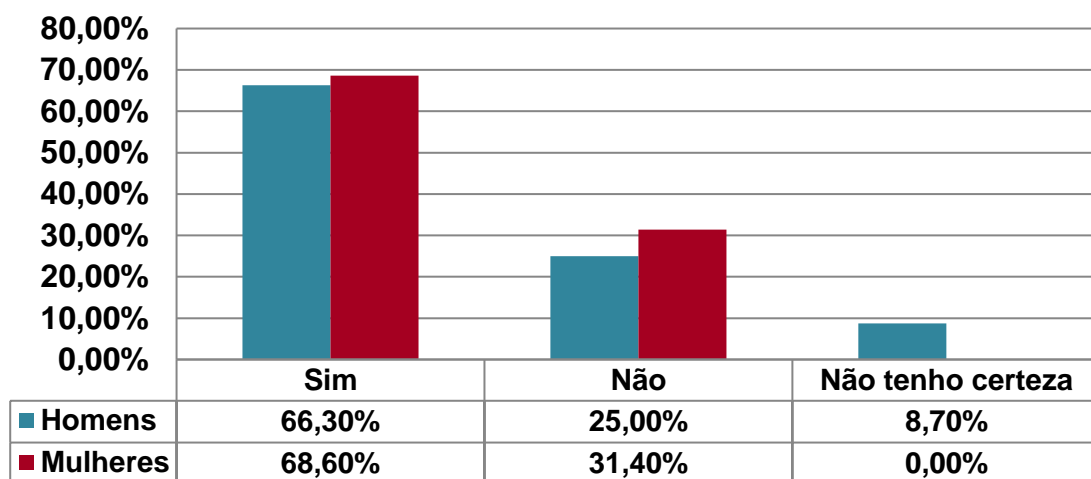
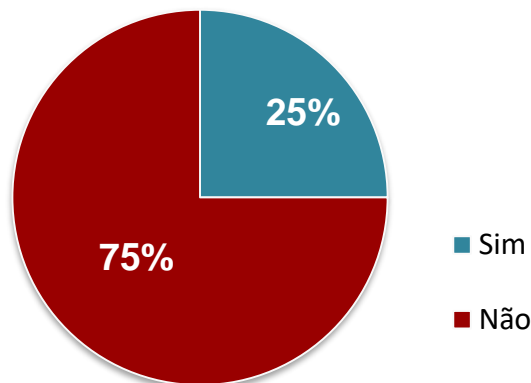


Tabela 1.18 - Já presenciou alguma espécie de violência (tal como física, moral, financeira e outras) com o gênero oposto?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	61	0,663	66,3%	81	0,686	68,6%
Não	23	0,25	25,0%	37	0,314	31,4%
Não tenho certeza	8	0,087	8,7%	0	0	0,0%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Tanto homens como mulheres apresentaram números semelhantes, entre 66% e 68% dos participantes da pesquisa confirmando a premissa.

Você interveio de alguma maneira? (Homens)



Você interveio de alguma maneira? (Mulheres)

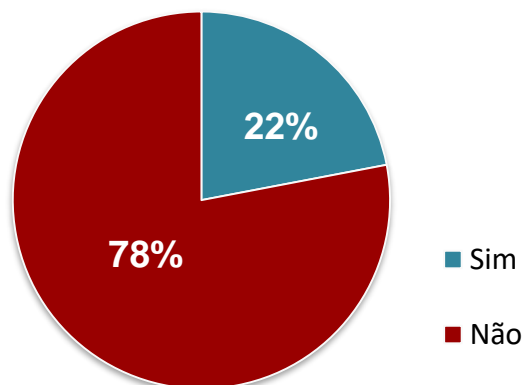
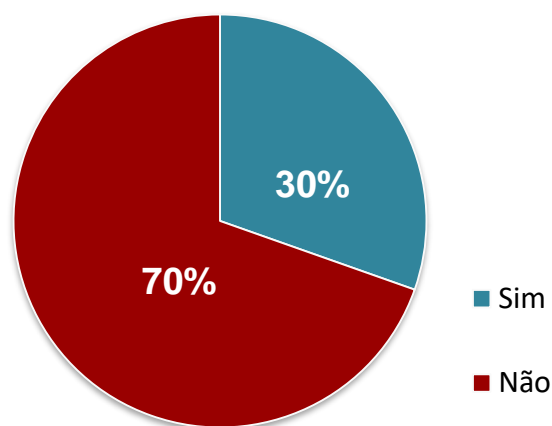


Tabela 1.19 - Você interveio de alguma maneira?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	23	0,25	25%	26	0,22	22%
Não	69	0,75	75%	92	0,78	78%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Tanto homens como mulheres apresentaram números semelhantes, entre 22% e 25% dos participantes da pesquisa, confirmando que reagiram de alguma maneira intervencionista.

Já ouviu de algum parente que você “deve se dar ao respeito”? (Homem)



Já ouviu de algum parente que você “deve se dar ao respeito”? (Mulheres)

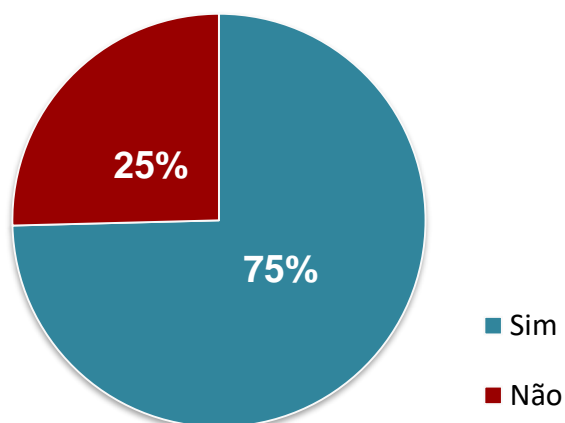


Tabela 1.20 - Já ouviu de algum parente que você “deve se dar ao respeito”?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	28	0,304	30,4%	88	0,746	74,6%
Não	64	0,696	69,6%	30	0,254	25,4%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

As mulheres apresentaram mais que o dobro de frequência afirmando a premissa, sendo que com o gênero masculino, a confirmação foi de cerca de 30%.

Você acha que a punição ao estuprador deveria ser mais severa?

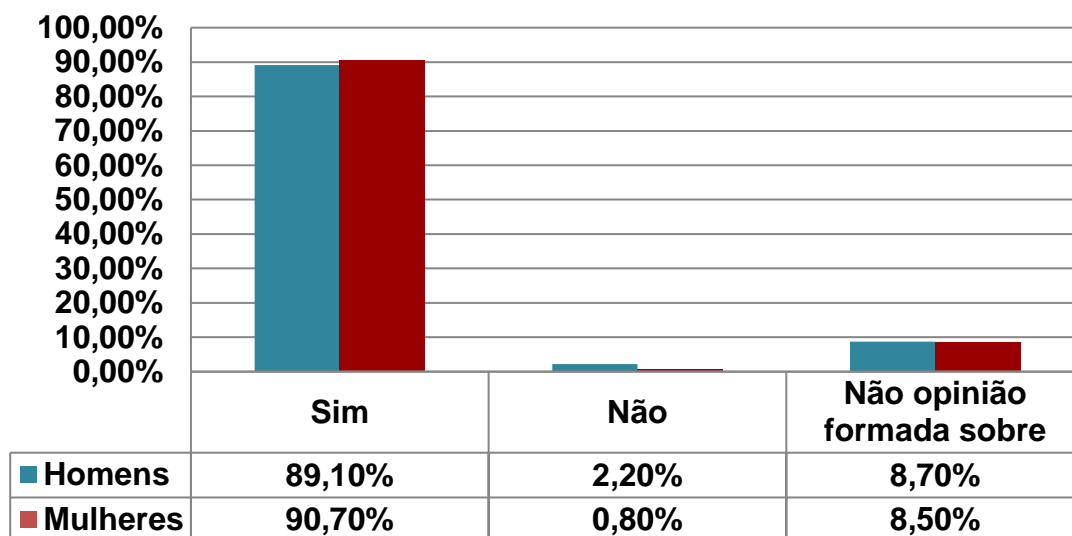
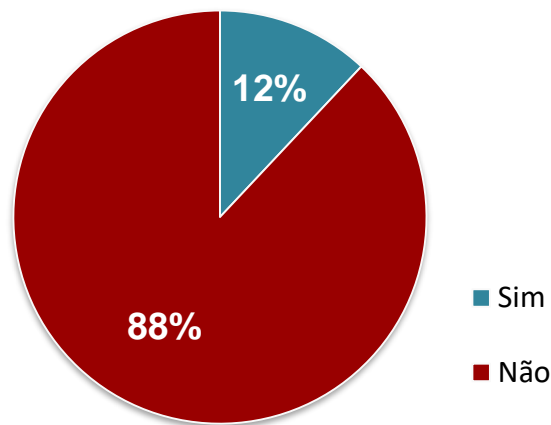


Tabela 1.21 - Você acha que a punição ao estuprador deveria ser mais severa?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	82	0,891	89,1%	107	0,907	90,7%
Não	2	0,022	2,2%	1	0,008	0,8%
Não opinião formada sobre	8	0,087	8,7%	10	0,085	8,5%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Quanto à punição ao estuprador, ambos os sexos afirmam serem a favor de uma maior punição em cerca de 90% dos casos.

Teria medo de relatar uma possível agressão à policia? (Homens)



Teria medo de relatar uma possível agressão à policia? (Mulheres)

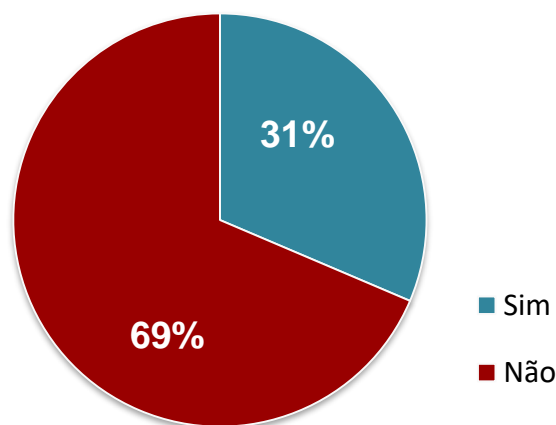


Tabela 1.22 - Teria medo de relatar uma possível agressão à policia?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	11	0,12	12%	37	0,314	31,4%
Não	81	0,88	88%	81	0,686	68,6%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Nota-se que as mulheres afirmam sentirem mais medo de relatar uma agressão a policia do que os homens, em uma proporção que ultrapassa o dobro, sendo 12% dos homens, contra 31,4% das mulheres.

Acha que seria mais bem amparado (a) por um (a) policial de mesmo gênero que o seu?

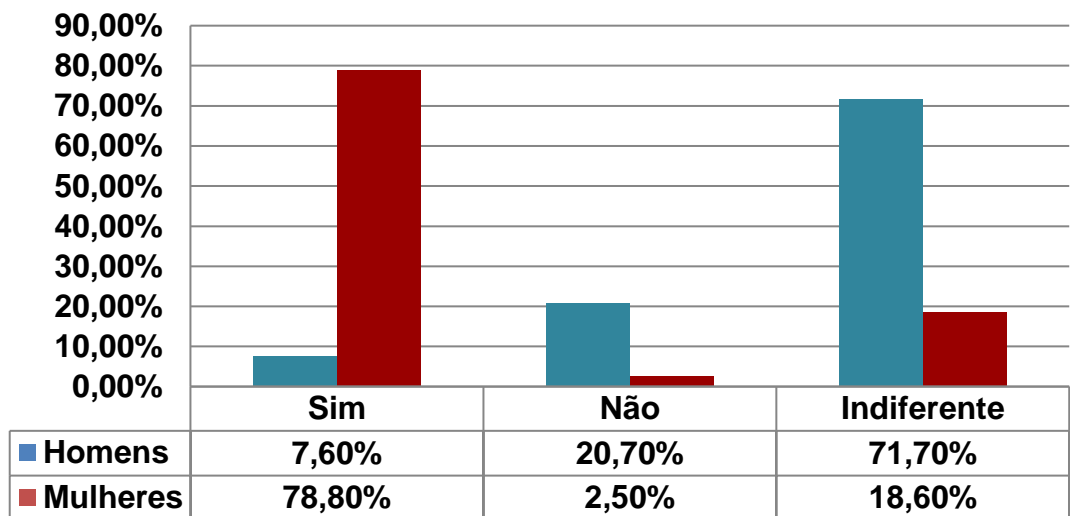


Tabela 1.23 - Acha que seria mais bem amparado (a) por um (a) policial de mesmo gênero que o seu?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	7	0,076	7,6%	93	0,788	78,8%
Não	19	0,207	20,7%	3	0,025	2,5%
Indiferente	66	0,717	71,7%	22	0,186	18,6%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Dez vezes mais mulheres foram a favor, enquanto a maioria dos homens se colocaram como indiferentes ao assunto.

Acredita que seus familiares te apoiariam a relatar às autoridades qualquer espécie de abuso ou violência?

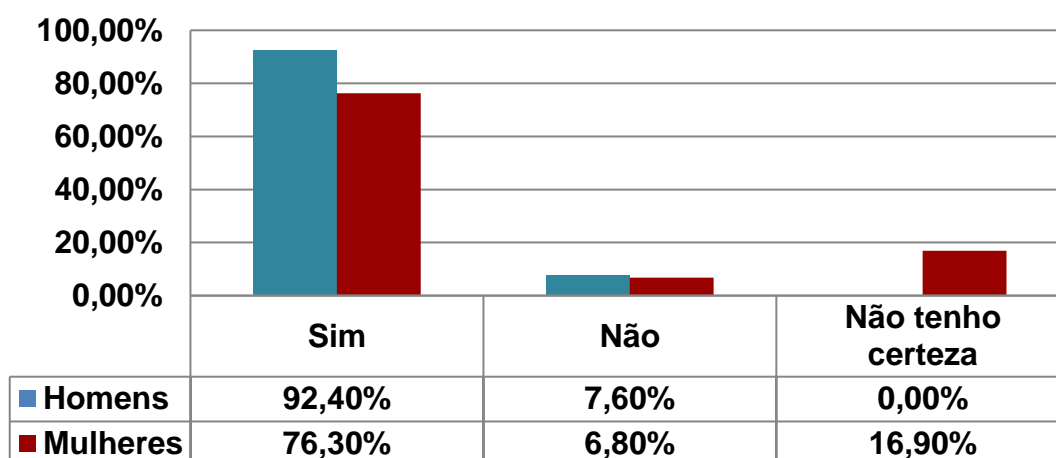


Tabela 1.24 - Acredita que seus familiares te apoiariam a relatar às autoridades qualquer espécie de abuso ou violência?

Variável	Homens			Mulheres		
	Absoluta	Relativa	Porcentagem	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	85	0,924	92,4%	90	0,763	76,3%
Não	7	0,076	7,6%	8	0,068	6,8%
Não tenho certeza	0	0	0,0%	20	0,169	16,9%
Total	92	1	100,0%	118	1	100,0%

Aproximadamente 92% dos homens confirmaram a premissa, porém, entre as mulheres o número ficou na casa dos 76%, ainda com quase 17% de indefinição, o que não existiu entre os homens entrevistados.

Você já ouviu falar da Lei Maria da Penha?

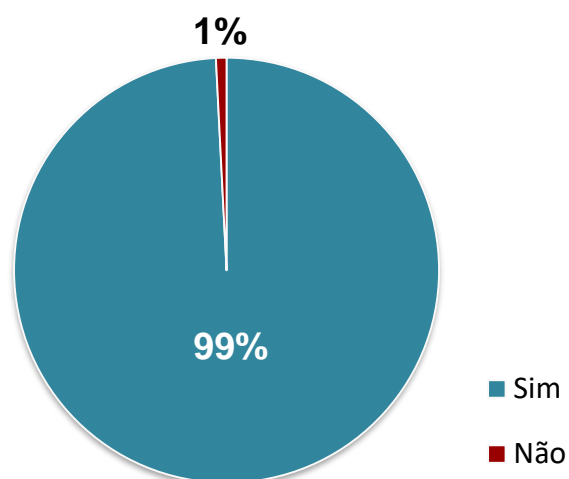


Tabela 1.25 - Você já ouviu falar a lei Maria da Penha?

Variável	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	117	0,992	99,2%
Não	1	0,008	0,8%
Total	118	1	100,0%

A enorme maioria das entrevistadas afirma conhecer a lei Maria da Penha.

Já precisou recorrer a ela?

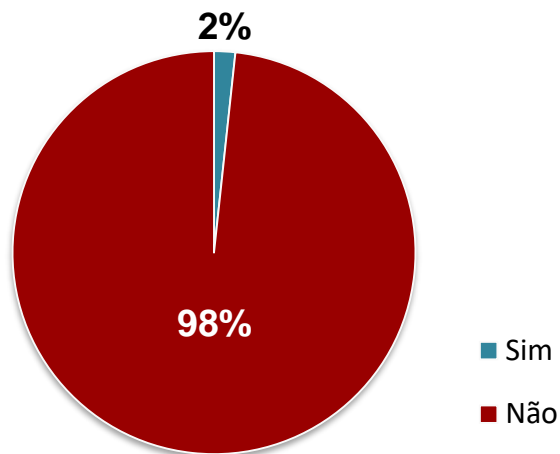


Tabela 1.26 - Já precisou recorrer a ela?

Variável	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	2	0,017	1,7%
Não	116	0,983	98,3%
Total	118	1	100,0%

Aproximadamente 2% das entrevistadas afirmaram ter recorrido à lei Maria da Penha.

Conhece alguém que já tenha recorrido?

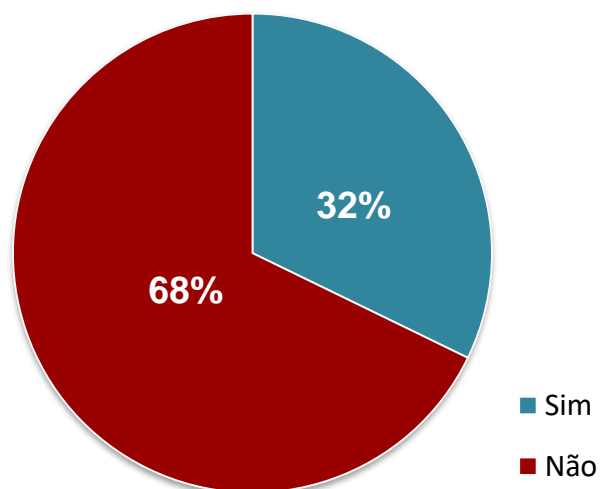


Tabela 1.27 - Conhece alguém que já tenha recorrido?

Variável	Absoluta	Relativa	Porcentagem
Sim	38	0,322	32,2%
Não	80	0,678	67,8%
Total	118	1	100,0%

Grande parte dos entrevistados afirma conhecer alguém que já precisou recorrer à lei Maria da Penha.

8. CONSIDERAÇÕES

A luta para extinguir a violência contra a mulher toma outros rumos a partir do momento em que a sociedade é conscientizada para isso, não há como ignorar índices tão alarmantes mesmo quando tão próxima de nossa estrutura familiar e comunidade, levando em consideração que a agressão parte com grande frequência de pessoas íntimas. A omissão por parte do mártir é um fator agravante que gera violência, de acordo com (Waiselfisz, 2015) , “a residência é o local privilegiado de ocorrência da violência não letal”. O que nos dá a entender de que ela ocorrerá novamente.

Ainda de acordo com (Waiselfisz, 2015):

Tabela 28 - Número e % de frequência da agressão cometida por pessoa conhecida, segundo o sexo e a faixa etária da vítima. Brasil. 2013

Frequência. Número	Feminino					Masculino				
	Física	Sexual	Psicol.	Outra	Total	Física	Sexual	Psicol.	Outra	Total
NÚMERO										
1 vez	600.591	6.678	434.428	85.749	1.127.446	337.707	0	315.515	59.929	713.151
2 vezes	105.816	438	193.682	48.000	347.936	79.165	0	114.020	6.847	200.032
3 a 7 vezes	202.679	140	236.660	36.490	475.969	67.178	0	130.169	14.708	212.055
8 a 11 vezes	48.847	4.813	53.583	2.078	109.321	3.382	0	33.512	2.208	39.102
1 vez por mês	15.341	204	48.122	18.330	81.997	1.288	0	40.190	5.464	46.942
1 vez semana	20.832	777	79.564	7.407	108.580	2.573	0	23.672	6.075	32.320
Quase diário	54.294	0	118.120	10.202	182.616	0	0	24.411	1.855	26.266
Total	1.048.400	13.050	1.164.159	208.256	2.433.865	491.293	0	681.489	97.086	1.269.868
%										
1 vez	57,3	51,2	37,3	41,2	46,3	68,7	0,0	46,3	61,7	56,2
2 vezes	10,1	3,4	16,6	23,0	14,3	16,1	0,0	16,7	7,1	15,8
3 a 7 vezes	19,3	1,1	20,3	17,5	19,6	13,7	0,0	19,1	15,1	16,7
8 a 11 vezes	4,7	36,9	4,6	1,0	4,5	0,7	0,0	4,9	2,3	3,1
1 vez por mês	1,5	1,6	4,1	8,8	3,4	0,3	0,0	5,9	5,6	3,7
1 vez semana	2,0	6,0	6,8	3,6	4,5	0,5	0,0	3,5	6,3	2,5
Quase diário	5,2	0,0	10,1	4,9	7,5	0,0	0,0	3,6	1,9	2,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Algumas violações (com ênfase na física e na psicológica), acontecem diariamente com amplitudes assustadoras, tendo respectivamente 54.294 casos no que diz respeito a violência física; e 118.120 casos em relação a violência psicológica.

O que deixa facilmente dedutivo de que a vítima está convivendo constantemente com o agressor, segundo nossas pesquisas, 65.9% dos índices de violência psicológica advém dos próprios familiares, enquanto que a violência física ocorre com a frequência 43,9%.

Sendo assim, como educação de base é capaz de transformar as pessoas que virão a fazer parte da sociedade, mas seus reflexos somente serão notados no futuro se houver uma solução no presente, a violência de gênero não pode ficar em segundo plano, a questão é de caráter emergencial, e a responsabilidade é de todos.

A Lei do Feminicídio, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff em 2015, colocou a morte de mulheres no rol de crimes hediondos e diminuiu a tolerância nesses casos (Portal Brasil)

9. REFERÊNCIAS

- Gonzaga, R. (2016). *Entre Todas as Coisas*. Acesso em 27 de setembro de 2016, disponível em [entretodasascoisas: http://entretodasascoisas.com.br/2016/05/30/todo-homem-e-um-potencial-estuprador-e-ja-passou-da-hora-de-nos-entendermos-o-que-isso-significa](http://entretodasascoisas.com.br/2016/05/30/todo-homem-e-um-potencial-estuprador-e-ja-passou-da-hora-de-nos-entendermos-o-que-isso-significa)
- Mena, F. (21 de Setembro de 2016). *Um terço dos brasileiros culpa mulheres por estupros sofridos*. Fonte: Site da Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1815301-um-terco-dos-brasileiros-culpa-mulheres-por-estupros-sofridos.shtml>
- Pasinato, W. (29 de Maio de 2012). *Violência Doméstica*. (S. Reis, Entrevistador) Rede Bandeirantes.
- Pasinato, W. (21 de Setembro de 2016). (F. Mena, Entrevistador)
- Presidência da República da Casa Civil. (2006). LEI Nº 11.340.
- Schraiber, B. L., P L D'Oliveira, A. F., França Junior, I., Diniz, S., Portella, A. P., Ludermir, A. B., et al. (2007). Prevalência da violência contra a Mulher por parceiro íntimo em Regiões do Brasil. *Saúde Pública*, 797-807.
- Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015 - Homicídio de Mulheres no Brasil*. Acesso em 18 de novembro de 2016, disponível em Site da Flacso Brasil: http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php

Yuksel, S. (19 de Fevereiro de 2015). Psiquiatra explica como funciona a mente de um estuprador.